

Imprensa e Revolução de 1930 no Brasil: A guerra ideológica entre o Jornal A União da Paraíba e o Jornal do Commercio de Pernambuco¹

Press and the Revolution of 1930 in Brazil: The ideological war between the newspaper of Paraíba Union and the Journal of Pernambuco Trade

Nayane Maria Rodrigues da SILVA²

Resumo

Em tempos de intensas discussões acerca da política editorial dos veículos de comunicação e suas influências na rotina dos consumidores midiáticos, tornou-se imprescindível pensar a força do jornalismo enquanto responsável pelas diferentes formas de assimilação de conteúdo por parte dos consumidores de informação, sujeitos às intenções que norteiam as políticas editoriais, independente do contexto histórico vigente. Constatamos, através da presente pesquisa, como esse legado de parcialidade atuou nas redações jornalísticas durante a Revolução de 1930 no Brasil. Investigamos, a partir da Análise de Conteúdo, as posturas editoriais do jornal estatal paraibano “A União” e do “Jornal do Commercio” de Pernambuco, utilizados como recurso de guerra ideológica em defesa dos interesses aliancistas e republicanos. Identificar esse tipo de prática no jornalismo brasileiro tornou-se um exercício essencial para que possamos explicar hoje, como rituais e emoções podem estar presentes no imaginário social dos brasileiros, silenciados pela ação do tempo e pelo ressentimento político para com marcos historiográficos, a exemplo da proclamação do *Território Livre de Princesa*, durante o movimento revolucionário de 1930 no Brasil.

Palavras-Chave: Política. Ressentimento. Revolução de 1930. Imprensa. Parcialidade.

Abstrac

In times of intense discussions about the editorial politics of the media and its influences on the routine of the media consumers, has become indispensable to think about the strength of journalism while responsible by the different ways of assimilation of the content by consumers of information, subjected to the intentions that guide the editorial policy, independently of the current historical context. We noted, through this research, how this legacy of partiality worked on the journalistic newsrooms during the revolution of 1930 in Brazil. For this study, we investigated, from the content analysis,

¹ Artigo publicado nos Anais Eletrônicos do Colóquio Nacional de Pesquisa Histórica, realizado em 2012, na cidade de Campina Grande – PB. Uma organização do curso de História da UVA/Unavida, em parceria com os cursos de História da Universidade Estadual da Paraíba e da Universidade Federal da Paraíba. ISSN 23177624.

² Aluna Especial do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (PPGC/UFPB). E-mail: nayanerodriguespb@gmail.com

the editorial postures of the Paraíba estate-owned journal “*A União*” and the “*Jornal de Commercio*” from Pernambuco, used as resource of the ideological warfare in defence of the covenantalists and republicans interests, respectively. To identify this kind of practices in the Brazilian journalism has become an essential exercise so that we can explain today, rituals and emotions still presents in the social imaginary of the brasilians, silenced by the action of time and by the politic resentment to the histographic marks, like the proclamation of the “Princess free territory”, during the revolutionary movement of 1930, in Brazil.

Keywords: Policy. Resentment. Revolution of 1930. Media. Partiality.

Introdução

As circunstâncias em que a prática jornalística foi implementada no Brasil, desempenha um papel participativo na construção do sistema político brasileiro. Em tempos de intensas discussões acerca da política editorial dos veículos de comunicação tornou-se imprescindível pensar na força do jornalismo e na sua capacidade de formação de opinião. Nesse contexto, os meios de comunicação tornam-se responsáveis por causar diferentes formas de assimilação nos consumidores de informação, sujeitos as intenções que norteiam as políticas editoriais, independente do contexto histórico vigente.

Tomando como objeto de estudo a guerra ideológica travada entre o *Jornal A União* da Paraíba e o *Jornal do Commercio* de Pernambuco no movimento armado de 1930, é possível identificar a parcialidade desses periódicos, diante de publicações tendenciosas da época, que evidenciam como importantes veículos de comunicação do século vinte renderam-se aos interesses de grupos políticos, deixando lacunas no imaginário dos paraibanos³ e prejudicando a construção de uma identidade valorativa, devido à forma como a participação da cidade no movimento armado de 1930 foi noticiada e assimilada, ao longo dos anos.

Muito mais do que identificar consequências, a pesquisa procurou desvendar aspectos inéditos do envolvimento da imprensa no conflito, de modo a identificar os jornais que tomaram partido na revolta e como essas publicações contribuíram com o desenrolar dos acontecimentos de 1930, na cidade Princesa Isabel, na Paraíba e no

³ Gentílico oferecido aos paraibanos nascidos na cidade de Princesa Isabel.

Brasil. Além disso, analisar a forma como a cidade foi noticiada, observando a política editorial dos jornais e o envolvimento pessoal dos protagonistas da revolta para com os detentores de mídia, tornou-se também interesse da investigação.

A apropriação de um marco histórico por parte da imprensa, e o condicionamento do editorial jornalístico em diferentes momentos históricos foram temas considerados, antes mesmo da análise de conteúdo do material empírico disponível, coletado nos acervos da Fundação Casa de José Américo em João Pessoa – PB, e na Fundação Joaquim Nabuco em Recife – PE.

Mediante ao que foi exposto, reavaliar os conceitos, os estigmas e os estereótipos conservados ao longo desses oitenta anos pós-revolução, torna-se um dos enfoques da pesquisa, que considera ainda, os sentimentos que continuam vivos no imaginário social⁴ dos princesenses e dos paraibanos, silenciados pela ação do tempo e pelo ressentimento político para com o marco histórico que proclamou o *Território Livre de Princesa* em 1930.

A rebeldia de Princesa na Paraíba

Distante 430 km da capital João Pessoa, encravada na Serra do Teixeira em pleno Sertão paraibano, a cidade de Princesa Isabel é dona de um passado rico em história e cultura. Conhecida pelo clima ameno, sempre apresentou na política local o mesmo calor que eleva as temperaturas princesenses no verão. No início do século vinte, semelhante ao regime político adotado nas cidades brasileiras, que tinha como base o controle oligárquico e a prática do clientelismo, os princesenses possuíam na figura de um coronel a imagem do seu maior líder. Embora o coronel José Pereira (Zé Pereira) fugisse dos perfis dos típicos coroneis do interior do Nordeste, com características de um homem culto e progressista, o mesmo assumiu postura revolucionária, diante da necessidade da luta armada.

Todo o progresso que tornou a cidade singular no sertão paraibano atingiu o seu apogeu por volta de 1925, entrando em declínio quando João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque assumiu a presidência do Estado em 1928. Isso porque ao assumir o

⁴ Para Castoriadis (1975) O homem está sempre buscando dar significado e sentido ao mundo e para isto cria significados, usando a imaginação. (Ver: <http://www.mitoseimaginario.com.br/2011/06/imaginario-imaginacao-social-e-seus.html>. Acessado em setembro de 2011).

governo Estadual, João Pessoa programou uma política de desprestígio aos coroneis enfraquecendo o poder local dos mesmos. Além disso, para a sucessão presidencial após gestão de Washington Luiz, enquanto João Pessoa se tornara vice na chapa da Aliança Liberal, cujo nome cotado a presidência era o de Getúlio Vargas, o coronel José Pereira rompeu com o governo paraibano, se colocando a favor da situação e apoiando o sucessor de Washington Luiz, o paulista Júlio Prestes.

A resistência de Princesa contra o domínio de João Pessoa durou seis meses, e simultânea a essa guerra, havia outro conflito dentro das redações jornalísticas de todo o Brasil, mas, em especial, dos jornais adotados como objeto de estudo nesta pesquisa, tendo em vista a ligação dos mesmos com os protagonistas do embate na Paraíba.

Suspeitar das linhas editoriais do jornal *A União* da Paraíba e do *Jornal do Commercio* de Pernambuco, tornou-se um exercício primordial, que possibilitou um estudo diante dos tipos de sentimentos analisados nesta investigação, difundidos em nível regional e nacional.

Foi através de um cenário caracterizado pela parcialidade, que a participação da Paraíba e de Princesa Isabel na Revolução de 1930 foi contada e documentada pelo jornalismo brasileiro. Muitos são os questionamentos sobre as reais intenções do coronel José Pereira ao proclamar a independência de Princesa, assim como são muitos os questionamentos sobre o assassinato de João Pessoa, para tanto, temos a necessidade de nos valer da historiografia, apesar de lacunar, para compreendermos os acontecimentos de 30 no Brasil, uma vez que não podemos calcular o quanto de verdade foi omitida pelo jornalismo brasileiro, quando observamos os exemplos de parcialidade de *A União* da Paraíba e do *Jornal do Commercio* de Pernambuco.

O fato histórico e as respostas do contemporâneo

A presente investigação é realizada considerando a assertiva de que um pesquisador não deve se restringir à descrição da realidade social, mas também se ater à análise de como essa realidade se produz e se reproduz ao longo do tempo, como explicou o cientista político Karl Marx (1979)⁵ na tentativa de encontrar soluções para

⁵ Ver IANNI, Octávio (org.). Karl Max: Sociologia. São Paulo: Editora Ática, 1979.

questionamentos lacunares do cotidiano. O que se observa na noticiabilidade da participação da cidade de Princesa Isabel na revolução brasileira de 1930 é que os fatos foram apenas descritos obedecendo interesses, sem que houvesse uma preocupação em como esses acontecimentos iriam se reproduzir ao longo da história.

É preciso estimular a percepção dos princesenses e dos paraibanos no que diz respeito à guerra ideológica travada nesses jornais, que venham a fomentar discussões, romper paradigmas e findar silêncios, ainda não verbalizados e porque não dizer, popularizados.

Desvendar aspectos inéditos dessa repercussão jornalística, contidos nas mensagens de tais publicações e verificar a possível difusão de estereótipos, estigmas e conceitos no imaginário do povo paraibano, constitui os objetivos da pesquisa, cuja análise recorreu aos métodos: Histórico e Comparativo de procedimento, ambos específicos das Ciências Sociais, bem como, a Análise de Conteúdo, cuja metodologia costuma ser utilizada em estudos para controlar a qualidade de conteúdo na imprensa, e avaliá-la quantitativamente.

É certo que para entender a conjuntura política, econômica e social brasileira que desencadeou a Revolução de 1930 no Brasil é preciso recorrer à historiografia, uma vez que o presente estudo identifica a parcialidade das linhas editoriais que noticiaram os acontecimentos de 1930. Para tanto, é interessante observar como a comunicação esteve presente na revolta, servindo como recurso para a tomada de atitudes que culminaram em acontecimentos singulares, curiosos e trágicos, durante o conflito.

Diversos eram os jornais impressos brasileiros existentes no início do século XX que vigoraram durante a Revolução de 1930 no Brasil. Mas, entre os periódicos que estampavam com frequência em suas páginas, textos referentes ao envolvimento de Princesa Isabel e da Paraíba na revolta, podemos citar: “*A Noite*” (RJ), “*Jornal Diário da Manhã*” (PE), “*O Jornal*” (RJ), “*Jornal do Commercio*” (RJ e PE), “*Diário de Pernambuco*” (PE), “*Diário da Tarde*” (PE), “*A Imprensa*” (PB), “*Diário da Paraíba*” (PB), “*Diário da Noite*” (RJ), “*Diário de Notícias*” (RS), “*A União*” (PB), “*Gazeta de Notícias*” (RJ), “*Jornal de Triunfo*” (PE), “*Correio da Manhã*” (RJ) além do “*Jornal de Princeza*” (PB), este último tendo publicado apenas duas edições ⁶.

⁶ Ver MARIANO (2010).

A Revolução direto das redações jornalísticas

De acordo com a análise, fica evidente que um dos objetivos dos jornais simpáticos às causas aliancistas, a exemplo de *A União*, era colocar José Pereira como um homem à margem da lei, sendo esse o tema recorrente desses jornais. (MELLO, 1992, p. 160). Diferente do que era explorado por jornais partidários do Catete, a exemplo do *Jornal do Commercio*, responsável por dar voz aos chamados “perrepistas revolucionários” e inflamar os discursos contrários as ações administrativas de João Pessoa.

Para que se tenha noção do envolvimento do jornalismo para com os acontecimentos de 1930, é interessante observar a criação do *Jornal de Princesa*, elaborado especialmente para noticiar a independência política e administrativa da cidade. Ou seja, foi através de um jornal impresso que José Pereira anunciou um dos episódios mais singulares da história política brasileira, ao constituir o *Território Livre de Princesa* no dia 09 de junho de 1930, cujo decreto foi publicado em 21 de junho de 1930, na primeira edição do jornal.

DECRETO Nº 1, DE 9 DE JUNHO DE 1930

Decreta e proclama provisoriamente a independência do Município de Princesa, separado do Estado da Paraíba e estabelece a forma pela qual deve ele se reger.

A administração provisória do Território de Princesa, instituída por aclamação popular, decreta e proclama a resolução seguinte:

Art.1º - Fica decretada e proclamada provisoriamente a independência do Município de Princesa, deixando o mesmo de fazer parte do Estado da Paraíba, do qual está separado, desde 28 de fevereiro do corrente ano.

Art.2º - Passa o Município de Princesa a constituir, com os seus limites atuais, um território livre, que terá a denominação de Território de Princesa.

Art.3º - O Território de Princesa, assim constituído, permanece subordinado politicamente aos poderes públicos federais, conforme se acham estabelecidos na Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil.

Art.4º - Enquanto, pelos meios populares, não se fizer a sua organização legal, será o território regido pela administração provisória do mesmo território.

Tudo o que era publicado nos jornais impressos serviam para influenciar as tomadas de decisões dos oponentes João Pessoa e José Pereira. Mas, em detrimento do quanto esses jornais reservaram de espaço em suas páginas para tratar sobre Princesa e José Pereira, João Pessoa e a Paraíba, é preciso pensar ainda, as consequências da maneira como esses personagens e localidades foram noticiados e assimilados ao longo dos anos, por causa das publicações.

Se levarmos em consideração o que deve ter ficado no imaginário daqueles que consumiram as informações repassadas pelos jornais, temos que questionar que carga subjetiva foi absorvida por esses leitores, em especial, os que só tiveram acesso apenas, a um desses periódicos durante a revolta.

É possível ter a dimensão do quanto o conflito se tornou prioridade em cada uma dessas redações, durante o movimento armado de 1930 ao observarmos as tabelas abaixo ⁷ que relaciona quantitativamente os dias em que os jornais fizeram referências a José Pereira, a Princesa e a João Pessoa em suas páginas. Para a realização desta pesquisa foram analisados periódicos do *Jornal do Commercio* publicados de fevereiro a julho de 1930, e os exemplares publicados de fevereiro a outubro de 1930, do jornal *A União*.

⁷ Na TABELA 1, a ausência da análise de exemplares do mês de janeiro de 1930, se dá pelo fato do coronel José Pereira ainda não ter rompido oficialmente com João Pessoa nesse período, já a ausência do mês de setembro de 1930, se dá pelo fato da análise não ter considerado de interesse para a pesquisa, o que foi publicado nesse mês pelo jornal *A União*, tendo em vista que nesse período João Pessoa já havia sido assassinado em Recife, encerrando dessa maneira a luta armada de Princesa. Já na TABELA 2, a ausência da análise de exemplares do mês de janeiro de 1930, se dá pelo mesmo motivo, uma vez que nesse período o coronel José Pereira ainda não havia rompido oficialmente com João Pessoa. Ainda na segunda tabela, a ausência da análise de exemplares dos meses de maio e junho de 1930, se dá pelo fato do *Jornal do Commercio* ter sido empastelado e ficado sem operar durante esse período. A análise de conteúdo de exemplares do *Jornal do Commercio* só foi feita até o mês de julho de 1930, devido à morte de João Pessoa e o fim da revolta de Princesa.

Tabela 1

JORNAL A UNIÃO – 1930	
MESES	PUBLICAÇÕES
FEVEREIRO	01
MARÇO	09
ABRIL	09
MAIO	17
JUNHO	10
JULHO	16
AGOSTO	05
OUTUBRO	04
NOVEMBRO	01

Tabela 2

JORNAL DO COMMERCIO DE PERNAMBUCO – 1930	
MESES	PUBLICAÇÕES
FEVEREIRO	02
MARÇO	17
ABRIL	24
JULHO	17

Os dados acima devem ser considerados por demonstrarem a disposição dos detentores de mídia em apoiar as partes envolvidas no conflito, servindo como verdadeiras armas, disponíveis e adotadas pelos adversários políticos em questão, além de terem se caracterizado como veículos massificadores de mensagens preconceituosas e antiéticas.

No *Jornal do Commercio* José Pereira era noticiado como “deputado”, “chefe dos defensores de Princeza”, “líder dos libertários”, e os seus homens eram chamados de “tropa de José Pereira”, “libertadores”, “combatentes”, “soldados”, “forças do coronel José Pereira”, “forças libertadoras de Princeza”, “defensores de Princeza”, entre outros. Já para o *Jornal A União*, José Pereira e seus homens não passavam de “cangaceiros”, “perrepistas” e “bandidos”, como podemos ver no quadro abaixo, que relaciona os principais adjetivos atribuídos pelo *Jornal A União* a José Pereira e os seus seguidores, bem como as principais manchetes dos periódicos analisados nesta pesquisa:

JORNAL A UNIÃO - 1930	
TERMOS	MANCHETES
Cangaceiros de Princeza	“Revelando a alma tortuosa dos conspiradores contra a ordem e a dignidade da nossa terra”
Os bandidos	“A voz das classes independentes em defesa da autonomia da Parahyba!”
Mashorqueiros	“A mashorca dos cangaceiros capitaneados por José Pereira”
Cangaceiros de gravata	“O expressivo movimento de sympathia de todo o Brasil em prol do soldado que se bate em Princeza contra os trabuqueiros”
Facínoras	“Os assaltos e espancamentos praticados pelos bandoleiros”
Órgão Oficial do Banditismo! (Jornal do Commercio)	“Os bandidos chefiados por José Pereira estão desanimados”
Trabuqueiros	“A grosseira manobra perrepista em torno à intervenção”
Os rebeldes	“indivíduos capazes de todas as misérias”
Bandidos do Nordeste	“Os cangaceiros de José Pereira tentando convulsionar o Sertão”
Perrepistas	“Os bandoleiros foram escorrasados em immaculada pela polícia parahybana”
Indivíduos	“O depoimento de um fazendeiro de Princeza sobre os instintos criminosos de ‘Zé Pereira”
Conspiradores	“Quem são os Pessoa de Queiroz, inimigos da Parahyba?”
Tarados	“Os elementos indesejáveis da polícia”
Covil dos bandidos	“A campanha contra os bandidos de Princeza”
Covil dos cangaceiros	“A acção da polícia tentando combater os cangaceiros no interior”

Embora o *Jornal do Commercio* publicasse um discurso mais ameno, em comparação as adjetivações de *A União*, mantendo, por exemplo o termo “presidente da Parahyba” ao se referir a João Pessoa; observando o quadro abaixo comprovamos que

as manchetes não deixavam de publicar discursos inflamados e irônicos contra a polícia da Paraíba e o seu presidente:

JORNAL DO COMMERCIO DE PERNAMBUCO – 1930	
MANCHETES	
“A população de Princeza resistirá com heroísmo ao projectado assalto das tropas do Governo”	“O moral da polícia parahybana é cada vez mais precário”
“Oito municípios estão contra o presidente do Estado”	“Soldados que não cumprem ordens absurdas”
“Queixe-se o presidente de si mesmo”	“Um mau vizinho... o presidente da Parahyba”
“O senhor João Pessoa é o único responsável pela situação da Parahyba”	“O derrotismo do presidente da Parahyba contra Princeza”
“A dignidade da Parahyba não pode viver no estômago do senhor João Pessoa, nem no seu cérebro de tarado”	“É contristador o aspecto que oferece o interior do Estado, cuja população está presa de pânico, na perspectiva de peores dias”
“A Parahyba sacudida pela guerra civil que ameaça estender-se”	“A gravidade da situação política da Parahyba”
“Os prisioneiros de immaculada, que segundo dizem, sofreram pena de morte da polícia”	“A guerra civil que ensangrenta os sertões e perturba todo o Estado”
“Dois soldados que deserdaram (...) narram as atrocidades cometidas pela polícia parahybana”	“O deputado José Pereira lança o seu protesto contra o extermínio de crianças e mulheres, premeditado pelo presidente da Parahyba”

Os efeitos da guerra ideológica entre os jornais *A União* e o *Jornal do Commercio*

A presença de tantas generalizações difundidas de forma repetitiva pelos jornais impressos permitiu a construção de diversos estereótipos para ambas as partes. Incalculáveis foram os comentários injustos, preconceituosos e difamatórios, reforçados nos jornais ao longo da revolta, sem qualquer preocupação de como tudo isso se reproduziria ao longo da história, cuja ética jornalística sugere ouvir os dois lados da fonte e atuar antes de tudo, como um canal de emissão da mensagem.

As linhas editoriais de ambos os jornais não pensaram, por exemplo, em como gerações inteiras assimilariam a participação de Princesa Isabel na Revolução de 1930, considerando a campanha da Aliança Liberal feita através de jornais como *A União* e espalhadas por todo o Brasil, mediante o império jornalístico de Assis Chateaubriand. Ambos os jornais não se preocuparam com os ressentimentos que tais publicações poderiam gerar, não apenas na família do coronel José Pereira, mas, sobretudo, nos princesenses e admiradores de João Pessoa.

Através dessa análise, verifica-se que a parcialidade jornalística pode ter sido um dos fatores responsáveis pela ausência de identidade dos princesenses para com o marco histórico, pela forma como a cidade foi explorada do ponto de vista vexatório. O que era para ser, por diversos fatores, motivo de orgulho dos princesenses, foi silenciado e ridicularizado durante um longo período. Espaço de tempo suficiente para calcular inúmeras perdas, principalmente do ponto de vista da história oral e memória.

A conduta editorial do jornal *A União* da Paraíba e do *Jornal do Commercio* de Pernambuco durante o movimento armado de 1930, simboliza um recorte do que se tem praticado em dois séculos de existência da imprensa no Brasil, cuja preocupação maior, com específicas e raras exceções, como observou a análise, se restringiu a evolução dos meios, sempre deixando em segundo plano o conteúdo das mensagens produzidas e a preocupação de como essas mensagens estariam se reproduzindo ao longo do tempo.

A pesquisa verificou ainda, que por mais que o momento histórico condicione as linhas editoriais dos veículos de comunicação, os ressentimentos para com os fatos podem até desaparecer, mas, o fato em si não, o que comprova a necessidade constante do acompanhamento para saber como essas memórias estão sendo transmitidas às gerações precedentes, que não consumiram as informações dos periódicos em análise, mas, que através da história oral estão formando os seus conceitos e possivelmente criando e perpetuando estigmas e estereótipos para com esse marco histórico.

O estudo aponta também a importância de ter na historiografia uma permanente fonte de pesquisa, quando estudos sobre a temática Revolução de 1930 no Brasil estiverem sendo realizados. Isso devido à comprovada prática de parcialidade no jornalismo brasileiro, que tornou o conteúdo das publicações jornalísticas menos críveis, perante diversos outros estudos sobre a apropriação da imprensa diante de um marco histórico, oferecendo a estudantes, jornalistas, comunicólogos, sociólogos,

historiadores e demais pesquisadores interessados pela temática, mais uma alternativa de pesquisa.

No entanto, o impacto de recepção e assimilação das mensagens propagadas nos jornais analisados no imaginário dos princesenses e paraibanos ultrapassam os objetivos desta análise, causando a inquietação necessária para a continuidade de uma investigação desse cenário e seus novos personagens envolvidos.

Referências

ABREU, A.A.; WELTMAN, F.L.; KORNIS, M.A. **Mídia e política no Brasil: jornalismo e ficção**. Rio de Janeiro – RJ: Editora FGV, 2003.

Acervo bibliográfico da **Fundação Ernani Satyro**, 93, Rua Miguel Satyro, Patos – PB.

Acervo de microfilmagem da **Fundação Joaquim Nabuco**
Rua Dois Irmãos, 92 | Apipucos 50071-440 | Recife - PE Fone: (81) 3073-6464/Fax:
(81) 3073-6561

Acervo documental da **Fundação Casa de José Américo**. Av. Cabo Branco, 3336 – Cabo Branco, João Pessoa – PB. CEP: 58045-010. (83) 3214-8538 / 8523 Fax: (83) 3214 – 8541.

ANSART, Pierre. “História e memória dos ressentimentos”. In BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (org.) **Memória e (res)sentimento**. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Unicamp, 2004. pp. 15-34.

CHARAUDAU, Patrick. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2006

DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio – organizadores. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008.

MARIANO, Paulo. **Princesa: Antes e depois de 30**. João Pessoa: EGN, 1991.

MARIANO, S.R.C. **Signos em confronto?: o arcaico e o moderno na cidade de Princesa (PB) na década de 1920**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

MEIHY, J.C.S.B; HOLANDA, F. **História oral: Como Fazer como Pensar**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2010.

MELLO, José Octávio de Arruda. **A Revolução Estatizada Um estudo sobre a formação do centralismo em 30**. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 1992.